

Isaac Dominici Lopes

ONDE VOCÊ FOR, EU VOU

História sobre um rapaz que, após sua mãe ter falecido, decidiu transformar o mar em seu lar.



Capítulo 1 - O Elefante Azul.

Tudo estava em completo silêncio naquela casa. Eu, meu pai e minha irmã estávamos sentados à mesa, jantando uma macarronada com almôndegas que eu fiz. Ninguém dizia nada. Na verdade, ninguém conversava já fazia uma semana. Desde que minha mãe morreu.

Depois que todo mundo terminou de comer, eu peguei todos os pratos e coloquei na pia. Não estava com paciência para lavar louça naquele momento. Até que alguém finalmente disse alguma coisa, pela primeira vez.

— Érr... — Meu pai parou por alguns segundos, parecendo pensar no que dizer. — Vocês... — Ele suspira e leva as mãos ao rosto. — Esquece, não é nada demais.

Meu pai saiu da sala, foi para seu quarto e trancou a porta. Eu me virei para olhar minha irmã, mas ela estava usando o celular, por isso não retribuiu o olhar. Fui em direção ao meu quarto, e ao fechar a porta atrás de mim, me sentei no chão e comecei a chorar.

"Por que isso teve que acontecer com a gente? Por que isso teve que acontecer *comigo?*", era tudo o que eu pensava enquanto as lágrimas desciam pelo meu rosto. A gente não merecia isso. *Minha mãe* não merecia isso. "Eu sinto tanto sua falta... Eu deveria estar no seu lugar".

Me levantei do chão e deitei-me na cama, mas não conseguia dormir. Fiquei vários minutos encarando um ponto no teto. Depois disso olhei ao redor. Meu quarto era até que agradável. Havia diversos *posters* e decorações de tubarões. Esses animais sempre foram meu maior hiperfoco.

Dei um pesado suspiro. Não importava o quanto eu tentasse parar de pensar naquilo, aquela frase nunca sairia da minha mente. "Eu deveria estar no seu lugar".

Capítulo 2 - A Escola.

Acordei com o som irritante do despertador. Seis horas da manhã. Levantei-me, desliguei o alarme e fui ao banheiro. Me encarei por alguns minutos no espelho. Era apenas mais um dia. Apenas

Mais um dia sem ela. Mais um dia naquele inferno.

"Eu não aguento mais. Eu preciso descansar".

Após eu ter tomado banho, me vesti e fui para a cozinha. Papai estava lendo um jornal no sofá, e Clarisse, minha irmã, estava mexendo no celular, como sempre. Desde que mamãe morreu, Clarisse não saía daquele maldito celular, o que me deixava bastante preocupado.

— Bom dia. — Disse, enquanto colocava uma torrada com geleia de morango na boca. Minha mãe amava aquela geleia.

Ninguém respondeu. Nem se quer me olharam, é como se eu não estivesse ali. Engoli a torrada, tomei um gole do café e saí de casa. O dia até que estava bem bonito. O sol estava forte, havia diversas nuvens, vários pássaros no céu.

— Lyan, querido! Bom dia! Como você está? — Dona Lurdes me cumprimentou, com um grande sorriso.

Dona Lurdes era a nossa vizinha. Ela era uma senhora muito agradável e simpática, sempre estava alegre e radiante.

— Ah, oi dona Lurdes! Estou bem obrigado.

Como vai lá na floricultura? — Respondi, retribuindo o sorriso. Ela tinha uma floricultura, mamãe adorava comprar flores lá. A preferida dela era Girassol.

— Vai tudo bem! Por mais que não tenha muitas pessoas que comprem flores hoje em dia. Ah! Você deve estar atrasado para a escola, mocinho!

Quase que eu me esquecia disso. Um grande sentimento de melancolia invadiu meu corpo. Me despedi de Dona Lurdes e caminhei até meu colégio. Cheguei lá depois de uns 4 minutos.

Havia vários estudantes passando pelos grandes portões da escola. Alguns eu conhecia, outros não. Eu não tinha intimidade com nenhum deles. *Nenhum* era meu amigo. Eu, antigamente, só tinha uma amiga: Nara. Mas, infelizmente, ela já não estava mais entre nós.

O sinal bateu, então todos fomos para nossas respectivas salas. A minha era o 1º B do Ensino Médio. Quando entrei no aposento, ninguém percebeu. Eu era invisível naquele lugar. "Ninguém queria fazer amizade com o viado autista que perdeu a mãe", de acordo com as próprias palavras deles.

O dia na escola foi como qualquer outro. Eu não

Falava com ninguém, e ninguém falava comigo. As aulas foram chatas e os professores entediantes. Tudo como sempre. Quando saí do colégio, enquanto eu estava indo em direção para casa, uma ideia surgiu em minha mente. "E se... Eu for para um lugar diferente?"

Capítulo 3 - Pés na areia.

Fiquei alguns minutos pensando para qual lugar eu iria. Andei pelas ruas, perdido em meus pensamentos, sem saber para onde ir. Depois de andar por muito tempo, eu olhei ao meu redor, e vi algo. "Como eu não pensei nisso? Como eu sou estúpido!". A praia era o lugar certo.

Por sorte, minha casa e escola ficavam muito perto da praia. Quando cheguei lá, deixei minha camisa, mochila e sapatos perto de uma mesa na areia. Eu amava aquela brisa. Sentir os pés na areia, o vento batendo no rosto, o som do mar. Era tudo... Perfeito.

Corri até o mar e me joguei. Aquela era a melhor sensação do mundo. Permaneci ali, banhan-

do por horas. Eu não queria sair dali nunca. Por um tempo, esqueci-me completamente de todos os meus problemas. Eu só queria me tornar um só com o mar.

Quando saí da água, eu ainda não queria voltar para casa. Sentei-me na areia, e fiquei observando o mar. Aprendi a gostar do oceano com a minha mãe, ela era oceanógrafa. Até que, eu resolvi fazer algo que eu nunca tinha feito antes.

— Uhhh... — Parei por alguns segundos — Mar? Eu... Queria conversar com você. Posso te chamar de... Tétis? — Obviamente, não recebi nenhuma resposta, então apenas considerei que sim.

A partir daquele momento, todo dia depois da escola eu ia para a praia desabafar e conversar com o mar. Ele era meu novo lar. Meu novo abrigo. Meu novo amigo. Algo que fazia com que eu me sentisse mais perto da minha mãe.

Eu falava sobre minha rotina, minha família, sobre eu sentir muita saudade da minha mãe, sobre meus medos... Sobre tudo. E ele me escutava, sem me julgar. Ele apenas me ouvia. As vezes, quando eu falava com ele, eu sentia como se eu estivesse falando com minha mãe.

Isso continuou por meses, fazia parte do meu cotidiano. Aquela praia sempre estava vazia, o que me dava privacidade. Meu pai começou a ficar preocupado com isso, porque eu não dizia para onde eu ia, mas ele também nunca perguntava.

Um dia, algo diferente aconteceu. Alguém estava ali, sentado na areia.

Capítulo 4 - O garoto-café.

Havia um menino, de costas, no lugar onde eu sempre ficava. Ele tinha cabelos loiros bagunçados, que estavam balançando por conta do vento. O garoto desconhecido virou de costas e me encarou, segurando uma xícara bege de café.

O menino tinha um rosto adorável, pele bem clara, e aqueles olhos... Olhos tão azuis quanto o céu. Eu não conseguia pensar em mais nada. Eu não conseguia *ver* mais nada. Ele ficou um pouco vermelho ao perceber que eu estava olhando muito para o mesmo.

Me sentei ao seu lado, e tentei começar uma conversa, enquanto apreciava o mar.

— Ah, oi. Eu... Nunca te vi por aqui. Qual o seu nome? — Parei para encara-lo, e corei imediatamente. Aqueles olhos eram a coisa mais linda eu eu já vi.

— Eu — Ele fez um *tic* com a cabeça — Me chamo Damián...

— Que nome bonito! — Sorri para o mesmo — Eu sou o Lyan, muito prazer. Você é daqui? Você tem um sotaque diferente... Mas é um sotaque muito bonito!

— Não não, eu sou — Damián fez outro *tic* — do Chile

— Woah!! Que legal, eu sempre quis ir para lá! Damián sorriu para mim. Nós ficamos ali, conversando durante horas, ate o por do sol. Eu adorei conversar com ele, foi incrível. Todos os dias que eu ia para aquela praia, ele sempre estava ali.

— Lyan — *tic* — Por que você sempre vem para essa praia?

Eu expliquei tudo para ele. Sobre minha mãe, sobre a escola, sobre minha família. O mesmo pareceu ficar chocado.

— Caramba, Lyan... Eu... Sinto muito.

— Está tudo bem, sério mesmo. Eu ainda sinto muito a falta dela, mas já não me sinto tão deprimido.

Damián me abraçou. Uma lágrima solitária desceu pelo meu rosto. Nós ficamos por um tempo ali, parados, nos abraçando.

— Lyan, eu realmente gosto de você. Você está sendo muito forte. Eu sempre vou estar aqui para você, ok?

— Ahhh, Damián... Não me faça chorar — Nós dois rimos e nos levantamos.

— Bem, eu tenho que ir para casa. Até amanhã, Ly — Ele sorriu.

— Até amanhã, Mián — Retribuí o sorriso.

Capítulo 5 - Dois pássaros.

Eu acabei acordando mais cedo que o normal. Me levantei, e ouvi um choro vindo do quarto ao lado. Era o quarto da minha irmã. Fui em direção ao aposento e bati na porta.

— Clarisse...? Você está bem? — Perguntei, preocupado.

— Sai daqui! Vai embora! — Ela falou,

soluçando.

Mesmo assim, eu abri a porta. Ela estava na cama, embaixo dos lençóis, chorando. Sentei-me ao seu lado, e fiquei ali, apenas dando companhia.

— Clarisse... Quer conversar?

— Eu já disse para você ir embora! — Ela disse, entre lágrimas.

Eu suspirei e me levantei, indo em direção à porta, até que a voz de minha irmã me interrompeu.

— Espera... Eu... — Ela saiu de debaixo dos cobertores — Eu quero conversar.

Voltei para a cama, sentei-me e passei a mão por seu rosto, tirando as lágrimas.

— Eu... Eu me sinto tão sozinha. Papai não fala nada, e você... Você vive sumindo de repente... — Ela falou, encarando o vazio.